

Sensação dos sensíveis em *DA II*, 5*

Felipe Calleres (UFSCar)
Bolsista FAPESP

Resumo

No *De Anima*, Aristóteles explica o funcionamento da sensação por meio de um processo no qual o órgão do sentido e a coisa sensível são dessemelhantes no início desse processo e, ao fim, semelhantes. Até recentemente essa identidade vinha sendo interpretada como uma mudança material, ao modo de uma mudança fisiológica no órgão do sentido. Myles Burnyeat apresenta uma nova via de interpretação, que difere e se contrapõe às interpretações endossadas até o momento. Por esse motivo, o interesse em conhecer como a posição de Burnyeat é sustentada se coloca como objetivo deste trabalho. Para tanto, iremos esboçar a noção de identidade como mudança fisiológica tal como compreendida por Richard Sorabji, tomando-o como o principal adversário de Burnyeat acerca do tema, e pretendemos, em seguida, mostrar os pontos da discordância de Burnyeat.

Palavras-chave

Aristóteles; *De Anima*; sensação; Burnyeat; Sorabji.

Sorabji: alteração material como fundamento da sensação

Em um artigo chamado *Intencionalidade e processo fisiológico: a teoria aristotélica da sensação*, Richard Sorabji propõe que o fundamento da sensação seja uma alteração material no sentido, ou ainda, uma mudança fisiológica. Assim compreendida, a sensação se coloca como um fenômeno emergente em relação à alteração ocorrida no sentido. Por exemplo, a visão ocorreria quando uma imagem se forma no humor vítreo (*eye-jelly*)¹, o que corresponderia à cena vista, e, assim, a

* Texto apresentado na *III Semana da Graduação em Filosofia: Filosofia Política*, em novembro de 2011, na UFSCar, campus de São Carlos.

¹ Sorabji (2003, p. 209) afirma que a tradução da palavra grega *koré*, que muitos traduzem por pupila, na verdade é o humor vítreo, um líquido gelatinoso e transparente localizado no interior do olho.

semelhança seria uma *correspondência* existente entre o sensível e o órgão do sentido. Uma das passagens citadas para confirmar sua interpretação é a seguinte: “Assim como a visão exteriormente é impossível sem luz [extra-orgânica], também é impossível interiormente [sem luz dentro do órgão]”. (ARISTÓTELES, 1952d, 438b 6-7). Pensar a sensação como uma mudança fisiológica permite supor que, se existissem instrumentos apropriados, eles possibilitariam observar a alteração no interior do sentido e isso teria a aparência de confirmação de que o *De Anima* permite esse tipo de interpretação. Além do mais, Sorabji reconhece a filiação do *De Anima* em relação ao *De generatione et corruptione*, no qual Aristóteles pensa a relação de afecção entre agente e paciente envolvendo quatro elementos primordiais: o quente, o frio, o úmido e o seco. Esse contexto estaria vinculado às passagens do *De Anima* nas quais o fenômeno perceptivo implicaria em tornar-se semelhante à coisa sensível, portanto, a sensação envolveria alterações nos sentidos a partir desses elementos. Ser potencialmente semelhante significa, para Sorabji, a potência que os elementos possuem de serem afetados. Assim, a configuração de qualidades que o objeto possui poderia ser reconstruída no sentido, isto é, a afecção dos quatro elementos poderia produzir no sentido algo semelhante à coisa percebida.

Burnyeat: sensação e consciência perceptiva

No outro polo dessa discussão, localizamos a posição de Myles Burnyeat². Para ele, a semelhança entre objeto e sentido ganha uma acepção contemporânea através da atribuição de consciência ao fenômeno perceptivo:

Uma vez mais, eu penso, somos forçados a concluir que o órgão se tornar semelhante ao objeto não é tal como se tornar literalmente ou fisiologicamente duro ou quente, mas um notar ou se tornar consciente da dureza e do calor. (BURNYEAT, 2003, p. 21).

Nessa afirmação, Burnyeat deixa claro que, para ele, qualidades sensíveis são conteúdos de uma consciência, conseqüentemente, deve haver um sujeito inerente a essa consciência para perceber tais qualidades. Essa concepção é o resultado da impossibilidade de se considerar a sensação como uma alteração material. O que promove a recusa de que a sensação seja uma alteração material é: (i) uma busca da

² Burnyeat, M. “DA II 5” In: *Phronesis*, XLVIII, 2002 e “Is an aristotelian philosophy of mind still credible? A Draft” In: *Essays on Aristotle’s De Anima*. Nussbaum, M. e Rorty, A. O. (Org). Oxford: Clarendon Press, 2003.

filiação do *De Anima* à Física³, de Aristóteles, juntamente com (ii) um refinamento da noção de potência realizada no próprio *De anima*.

Em razão do problema que a interpretação de Burnyeat coloca para Sorabji, pretendo apresentar esses dois passos realizados por Burnyeat. No primeiro passo, é examinada a origem da interpretação de Sorabji; no segundo, expõe-se a distinção entre potência primeira e segunda (ARISTÓTELES, 1952a, 417a 22-417b 28), que leva ao tipo especial de alteração que Burnyeat propõe ser chamada de extraordinária. À frente, apresento a refutação de Burnyeat à interpretação de Sorabji.

O movimento do texto será apresentado em duas etapas: primeiro, a Física será evidenciada como fundamento da compreensão da sensação como alteração material; e, em seguida, exporemos quais são as potencialidades primeira e segunda, juntamente com a interpretação de Burnyeat que afirma a existência de três tipos de alteração decorrentes da distinção entre potencialidade primeira e segunda.

Alteração material: justificação da interpretação

No início do capítulo 5 do segundo livro do *De Anima*, Aristóteles apresenta a sensação como uma relação de afecção entre agente e paciente: como uma alteração. Através de uma atenção especial ao conceito de alteração proveniente da Física, Burnyeat (2002, pp. 40-48)⁴ mostra o contexto em que a interpretação de Sorabji teria sucesso.

Na *Physica*, a alteração é apresentada ao lado de outros tipos de movimento. O que nos levaria para fora do *De Anima* seria a seguinte afirmação:

E, uma vez que há três tipos de movimento (*kinéseis*), local, *qualitativo* e *quantitativo*, também deve haver três tipos de motores (*kinounta*), aquele que causa locomoção, aquele que causa *alteração* e aquele que causa aumento e decrescimento. (ARISTÓTELES, 1952c 243a 8-12, grifo meu).

Se sabemos que a alteração é uma mudança de qualidade, isso nos leva a perguntar como esse tipo de movimento acontece, e a resposta está na relação de afecção: para haver a afecção do agente sobre o paciente é necessário tanto uma semelhança, quanto uma dessemelhança entre eles. Como diz o *De generatione e*

³ Burnyeat, referindo-se à Física, afirma o seguinte: “Por *Física*, nesse artigo, eu compreendo o estudo de Aristóteles acerca da natureza, não a física profundamente anti-aristotélica que nós herdamos do século 17”. (Cf. Burnyeat, 2002, p.36).

⁴ Idem. Cf., especialmente, pp. 40-8.

corruptione: “agente e paciente devem ser semelhantes, isto é, do mesmo gênero, e ainda dessemelhantes, isto é, de espécies contrárias”. (ARISTÓTELES, 1952b, 323b 31-32).

Há no paciente, aquele que tem alguma qualidade mudada, um princípio que o permite ser diferente do que ele é; trata-se, portanto, de uma potência. Um homem em particular é potencialmente músico, pois a possibilidade de ser músico pertence ao gênero humano. Se uma pessoa aprende sobre teoria musical, tem aulas de piano, e, por fim, toca um concerto ao piano, dizemos que a potência de ser músico foi atualizada nesta pessoa. Um homem que num dado momento não é músico e, por uma série de transições, se torna um pianista, tem uma *qualidade adquirida* pela atualização de uma potência. A atualização pode ser compreendida tanto como um (a) *estado*, quanto como uma (b) *transição*:

a) O homem que se torna músico nem sempre teve a habilidade para tocar piano, portanto, num dado momento ele possui um estado inicial (não é músico) e, através de um processo, ele chega a um estado final (tocar um concerto ao piano). Ser pianista é a atualização *da potência que o homem tem de ser músico*, e é o estado final da mudança. Consequentemente, a atualização de um estado final (a) é uma atualização completa, pois esse estado não é direcionado a nada mais.

(b) Agora, a potência pensada apenas como a *capacidade de mudar* apresenta a própria mudança como a atualização da potência, em outras palavras: “o cumprimento do que existe potencialmente, enquanto potencial, é *movimento*, em outras palavras, do que é alterável enquanto alterável”. (ARISTÓTELES, 1952c, 201a 10-11). Assim entendida, a atualização da potência enquanto potência é a transição. O meio pelo qual se chega ao estado final é ele próprio uma atualização. Burnyeat comenta que “essa é a razão pela qual a alteração é essencialmente incompleta. Ela é definida e direcionada para um estado final fora de si mesma”. (BURNYEAT, 2002, p. 42).

Nesse contexto, alteração significa uma mudança que envolve a substituição de uma qualidade por outra. Tanto em (a), como em (b), vemos que a exploração da noção de alteração somente nos permite afirmar que, na alteração, um estado é destruído, eliminado, e surge outro estado.

O que se segue disso é o sucesso da interpretação de Sorabji, pois ele toma a passagem do potencialmente semelhante ao semelhante em ato como a aquisição de uma nova qualidade observável no sentido. Esse é o resultado encontrado no capítulo 5, antes de Aristóteles fazer um refinamento da noção de potência, e, como veremos à frente, a sensação é uma alteração, mas de um tipo diferente da concepção presente na Física.

Sensação como alteração extraordinária

Como mencionado acima, apresentarei dois movimentos subseqüentes: a distinção aristotélica entre os modos segundo os quais algo pode ser dito potencial e a interpretação de Burnyeat sobre os tipos de alteração que essa distinção proporciona. A partir dessa interpretação será possível justificar que a sensação é uma alteração de um tipo diferente daquele apresentado na Física, ou seja, nos termos de Burnyeat, a sensação é uma alteração extraordinária.

Através de exemplos, Aristóteles apresenta dois sentidos de potência:

- P₁) um homem *não possui* o conhecimento da gramática, mas tem a potência para adquiri-lo;
- P₂) um homem *possui* o conhecimento da gramática, mas não o está utilizando, ou por estar dormindo ou por algum outro impedimento.

Está presente nos dois sentidos de potência a característica da potência que apresentamos ao descrever a atualidade incompleta. A potência é descrita como a possibilidade de algo ser diferente do que é agora pela agência de uma atualização. Em nenhum dos casos o conhecimento está em exercício, e a distinção entre P₁ e P₂ se dá pela posse do conhecimento. O que P₁ descreve é a possibilidade de alguém tornar-se hábil no conhecimento da gramática, enquanto que em P₂, o conhecimento da gramática já é uma disposição adquirida.⁵

Dado que a noção de potência é intrínseca à de ato, para cada tipo de potência há uma atualidade correspondente. A atualidade primeira (A₁) é uma condição de possibilidade da atualidade segunda (A₂), e os exemplos de P₁ e P₂ evidenciam essa relação: não é possível que alguém coloque seu conhecimento em exercício se não tiver anteriormente adquirido esse conhecimento. Assim, a atualização de P₁ não leva diretamente ao exercício do conhecimento em sentido estrito, mas faz com que esse conhecimento esteja em posse daquele que conhece. A essa atualidade nos referimos como atualidade primeira. Aristóteles já faz uso desta última distinção ao definir a alma como “atualidade primeira de um corpo natural organizado” (ARISTÓTELES, 1952a, 412b 4-6). Nesse caso, a alma é condição de possibilidade de suas funções – nutrição, locomoção, sensação, pensamento.

⁵ Para Bodéüs, não se trata de um conhecimento da gramática, tal como se tem traduzido a palavra *grammatikè*, mas da capacidade efetiva de escrever e ler. Cf. BODEÜS, 1993, nota 4 à passagem 417a 24.

P ₁	P ₂ /A ₁	A ₂
X pertence a um gênero	X conhece, mas não agora	X conhece agora

Além de uma distinção dos sentidos em que algo é potencial e atual, Aristóteles traz um novo critério de análise: a transição da potência ao ato. A partir desse novo critério são descritos três tipos de transição, sendo que dois deles se referem à passagem de P₁ para P₂, e um refere-se à passagem de P₂ para A₂.

Existem duas passagens diferentes na transição de P₁ para P₂: ou há a *substituição* de uma qualidade por outra ou há o *desenvolvimento* de uma qualidade em potência para um estado disposicional (*héxis*).

A substituição de qualidades é uma temática presente no *De generatione*, no qual o quente, o frio, o úmido e o seco são os elementos em interação. Nessa obra, a relação de afecção exibe duas qualidades contrárias, sendo que na presença de uma delas a outra não é encontrada, no sentido em que a afecção de uma qualidade afeta a outra causando a sua destruição. Em outro sentido, em relação à transição da potencialidade para um estado, podemos pensá-la como a transição da ignorância para o conhecimento da gramática, conhecimento este que, uma vez adquirido, pode ou não ser posto em exercício, tal como exposto na *Ética a Nicômaco*:

Além disso, acontece aos homens possuírem conhecimento em outro sentido que não os acima mencionados [em ato ou em potência]; pois naqueles que possuem conhecimento sem exercitá-lo percebemos uma diferença de disposição (*héxis*) que comporta a possibilidade de possuir conhecimento em certo sentido e ao mesmo tempo não o possuir, como sucede com os que dormem, com os loucos e com os embriagados. (ARISTÓTELES, 1962, 1147a 10-14).

O que a *Ética* explicita é a duplicidade existente nesse estado disposicional em que P₂ se identifica com A₁, ou seja, o conhecimento não está em exercício, não pela sua ausência naquele que conhece, mas por alguma peculiaridade do momento tal como o sono ou a embriaguez citada.

Por fim, a transição do estado disposicional para o exercício representa aquilo que se entende por realização em exercício de uma potência. Nesse caso, um observador pode dizer de alguém que está atualmente escrevendo ou lendo que ele tem o conhecimento da gramática em ato. O exercício dessa potência (P₂) corresponde à *transição da inatividade para a atividade*, e essa é apresentada pelo *De Anima* como a transição própria à sensação, na qual o sentido que vê, ouve, sente alguma coisa não é

destruído para que uma nova qualidade seja adquirida. Além disso, o sentido não é algo que precisa ser desenvolvido no animal, pois a sensação é uma capacidade presente desde o nascimento.

Burnyeat classifica essas transições em três tipos de alteração e, assim como no texto aristotélico, somente a substituição é considerada como uma alteração no sentido estrito do termo. As três alterações segundo Burnyeat são:

- a) Alteração ordinária é a substituição de uma qualidade por uma qualidade contrária;
- b) Alteração não ordinária é o desenvolvimento de disposições que aperfeiçoam a natureza de uma coisa;
- c) Alteração extraordinária é uma das disposições em que há passagem da inatividade para o exercício. (BURNYEAT, 2002, p. 65).

Desse modo, a sensação, enquanto processo, adquire uma nova acepção. Com a noção de alteração extraordinária, a sensação pode ser assim explicada: o sentido já possui o objeto sensível (P_2), mas, num dado momento, não tem a sensação dele pela ausência de um objeto sensível em ato. Na presença de um objeto sensível em ato, o sentido não se torna diferente do que ele é, mas simplesmente coloca em exercício a potencialidade de sentir. Em outras palavras, a sensação ocorre, e nada mais.

Considerações gerais

Ao analisar a sensação como um tipo específico de afecção, Burnyeat nos mostra que se torna difícil aceitar a possibilidade de haver alguma alteração material no órgão do sentido. Ele não desconsidera a existência de condições materiais necessárias para a sensação, uma vez que no *De Anima* a sensação ocorre através dos órgãos dos sentidos que são afetados por coisas sensíveis, e essa afecção ocorre por um meio, tal como o ar e a água. Ao acompanhar o caminho que o capítulo 5 segue, podemos ver Aristóteles se empenhando em dizer que tipo de alteração *não* é possível atribuir à sensação. Enfim, juntamente com Burnyeat, chegamos à conclusão de que se trata da atualização de uma potência, significando a transição da inatividade perceptiva para sua atividade.

Por um lado, a interpretação de Burnyeat parece ser consistente, ainda que seja passível de críticas (HEINAMAN, 2007), por outro, ainda que aceitemos o que Burnyeat tem a dizer, sua explicação carece de um caráter positivo em relação à questão sobre o que ocorre com o órgão da sensação no fenômeno perceptivo. Nesse caso, são necessários mais estudos acerca da noção de *semelhança*, empregada para designar não

o processo (inatividade-atividade), mas o *fenômeno* que designa um tipo de identidade entre o sentido e o sensível.

Abstract: At his *On The Soul*, Aristotle explains sense-perception as a process in which the sense organ and the thing perceived, although initially not alike, are somehow made similar at the end. Up to now, this “assimilation” of the thing perceived to the sense organ has been understood as the result of a material change, meaning a physiological change at the level of the senses. Myles Burnyeat, however, proposes a new interpretation on this subject that will be investigated here. To accomplish this task, we will shortly present Sorabji’s account of perception as a physiological change, and then we will focus on the Burnyeat’s readings and disagreements with Sorabji.

Keywords: Aristotle, *On the Soul*, Sensation, Burnyeat, Sorabji.

Bibliografia:

- ARISTÓTELES. On the soul. 1952a. Transl. by J. A. Smith. In: *Great Books of the Western World 8: The Works of Aristotle*. Chicago, Encyclopædia Britannica, 1952.
- _____. 1993. *De l’ame*. Trad. (edição) R. Bodéüs. Paris: GF Flammarion.
- _____. 1952b. On Generation and Corruption. Transl. by H. H. Joachim. In: (nome do organizador) *Great Books of the Western World 8: The Works of Aristotle*. Chicago: Encyclopædia Britannica.
- _____. 1952c. Physics. Transl. by R. P. Hardie and R. K. Gaye. In: (nome do organizador). *Great Books of the Western World 8: The Works of Aristotle*. Chicago: Encyclopædia Britannica.
- _____. 1952d. On sense and the sensible. Transl. by J. I. Beare. In: (nome do organizador) *Great Books of the Western World 8: The Works of Aristotle*. Chicago: Encyclopædia Britannica.
- _____. 1962. *The Nicomachean ethic*. With an English translation by H. Rackham. Loeb. London: Heinemann.
- BURNYEAT, M. 2002. DA II 5. *Phronesis*. Vol. 47, n. 1. pp. 28-90.
- _____. 2003. Is an aristotelian philosophy of mind still credible? A Draft. In: Nussbaum, M. e Rorty, A. O. *Essays on Aristotle’s De Anima*. 2ª ed. Oxford: Clarendon Press.
- HEINAMAN, R. 2007. Actuality, Potentiality and *De Anima* II.5. *Phronesis*. Vol. 52, n. 2. pp. 139-187.
- SORABJI, R. 2003. Intentionality and physiological processes: Aristotle’s theory of sense-perception. In: Nussbaum, M. e Rorty, A. O. *Essays on Aristotle’s De Anima*. 2ª ed. Oxford: Clarendon Press.